

FLORENCE BRAUNSTEIN

JEAN-FRANÇOIS PÉPIN

1kg  
— de —

CULTURA  
GERAL

Blucher

FLORENCE BRAUNSTEIN  
JEAN-FRANÇOIS PÉPIN

1 kg de  
cultura geral

Tradução  
Adriana Zavaglia  
Verónica Galíndez

*1 kg de cultura geral*

Título original em francês: *1 kilo de culture générale*

© 2014 Presses Universitaires de France

© 2014 Florence Braunstein, Jean-François Pépin

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação de produção editorial* Bonie Santos

*Produção editorial* Bárbara Waida, Camila Ribeiro, Isabel Silva,  
Júlia Knaipp, Luana Negraes, Marília Koepl, Milena Varallo

*Projeto gráfico e capa* Leandro Cunha

*Preparação de texto* Sonia Augusto

*Diagramação* Maurelio Barbosa | designioseditoriais.com.br

*Revisão de texto* Davi Miranda

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.  
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,  
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer  
meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora  
Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

---

Braunstein, Florence

1 kg de cultura geral / Florence Braunstein,  
Jean-François Pépin; tradução de Adriana Zavaglia e  
Verônica Galíndez. – São Paulo : Blucher, 2017.  
1336 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-0990-4

1. História universal 2. Cultura I. Braunstein,  
Florence. II. Pépin, Jean-François.

15-1213

CDD 909

---

Índice para catálogo sistemático:

1. História universal

# CONTEÚDO

AO LEITOR .....	11
INTRODUÇÃO: <i>SAPERE AUDE</i> , “OUSAR SABER” .....	13

## **PRIMEIRA PARTE** **PRÉ-HISTÓRIA**

CAPÍTULO I EXPLICAR O UNIVERSO .....	31
CAPÍTULO II HISTÓRIA DA TERRA, FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO .....	43
CAPÍTULO III A PRÉ-HISTÓRIA, DE 7 MA ATÉ O SURGIMENTO DA METALURGIA (2500 A.C.) .....	57
CAPÍTULO IV AS CIVILIZAÇÕES DA METALURGIA (2500 A.C.-25 A.C.) .....	89
CAPÍTULO V A PRÉ-HISTÓRIA EM OUTRAS PARTES DO MUNDO .....	105

## **SEGUNDA PARTE** **ANTIGUIDADE**

<b>A. AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS DO ORIENTE MÉDIO E DO ORIENTE PRÓXIMO .....</b>	<b>111</b>
CAPÍTULO I A MESOPOTÂMIA .....	115
CAPÍTULO II A ANATÓLIA .....	131
CAPÍTULO III OS FENÍCIOS .....	137
CAPÍTULO IV A ASSÍRIA .....	141
CAPÍTULO V A PÉRSIA .....	145
CAPÍTULO VI O EGITO .....	153
CAPÍTULO VII OS HEBREUS (C. 1800 A.C.-C. 1000 A.C.) .....	175
CAPÍTULO VIII A ÁSIA .....	193
CAPÍTULO IX A MESOAMÉRICA: OS OLMECAS .....	221
CAPÍTULO X A ÁFRICA .....	227

<b>B. AS CIVILIZAÇÕES DO MUNDO CLÁSSICO.....</b>	<b>231</b>
CAPÍTULO XI A GRÉCIA ANTIGA .....	233
CAPÍTULO XII OS ETRUSCOS .....	281
CAPÍTULO XIII A ROMA ANTIGA .....	285
CAPÍTULO XIV O CRISTIANISMO .....	317

### **TERCEIRA PARTE IDADE MÉDIA**

CAPÍTULO I A ÉPOCA DAS INVASÕES.....	341
CAPÍTULO II A FRANÇA MEDIEVAL: A EPOPEIA DOS FRANCO.....	355
CAPÍTULO III UM MUNDO CRISTÃO.....	365
CAPÍTULO IV A ALEMANHA MEDIEVAL.....	397
CAPÍTULO V A INGLATERRA MEDIEVAL.....	405
CAPÍTULO VI A ITÁLIA MEDIEVAL.....	417
CAPÍTULO VII A ESPANHA MEDIEVAL.....	425
CAPÍTULO VIII A RÚSSIA MEDIEVAL.....	427
CAPÍTULO IX DO IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE AO IMPÉRIO BIZANTINO.....	431
CAPÍTULO X A IDADE MÉDIA DO MUNDO ÁRABE.....	449
CAPÍTULO XI A IDADE MÉDIA DA ÁSIA .....	477
CAPÍTULO XII A AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA.....	511
CAPÍTULO XIII A ÁFRICA MEDIEVAL.....	525

### **QUARTA PARTE RENASCIMENTO**

CAPÍTULO I O RENASCIMENTO: RUPTURA E CONTINUIDADE NA EUROPA.....	535
CAPÍTULO II A FRANÇA.....	571
CAPÍTULO III A ESPANHA.....	589
CAPÍTULO IV OS PAÍSES BAIXOS ESPANHÓIS E A EUROPA CENTRAL .....	595
CAPÍTULO V A INGLATERRA.....	599
CAPÍTULO VI A ALEMANHA .....	603

### **QUINTA PARTE A ÉPOCA MODERNA**

<b>A. O MUNDO DO SÉCULO XVII.....</b>	<b>611</b>
CAPÍTULO I OS GRANDES DISTÚRBIOS DA EUROPA NO SÉCULO XVII .....	613
CAPÍTULO II A FRANÇA NO SÉCULO XVII.....	621
CAPÍTULO III A ESPANHA NO SÉCULO XVII .....	645
CAPÍTULO IV A ALEMANHA NO SÉCULO XVII .....	649
CAPÍTULO V A INGLATERRA NO SÉCULO XVII.....	653

CAPÍTULO VI OS PAÍSES BAIXOS NO SÉCULO XVII.....	663
CAPÍTULO VII A RÚSSIA NO SÉCULO XVII.....	669
CAPÍTULO VIII O IMPÉRIO OTOMANO: DO APOGEU AO DECLÍNIO (SÉCULOS XV-XVII)	671
CAPÍTULO IX A ÁSIA NO SÉCULO XVII.....	675
CAPÍTULO X A ÁFRICA MODERNA: O EXEMPLO DA ETIÓPIA.....	689
<b>B. O MUNDO DO SÉCULO XVIII.....</b>	<b>691</b>
CAPÍTULO XI A FRANÇA NO SÉCULO XVIII.....	693
CAPÍTULO XII A INGLATERRA NO SÉCULO XVIII.....	743
CAPÍTULO XIII A ITÁLIA NO SÉCULO XVIII.....	751
CAPÍTULO XIV A ALEMANHA NO SÉCULO XVIII.....	757
CAPÍTULO XV A ESPANHA NO SÉCULO XVIII.....	767
CAPÍTULO XVI A RÚSSIA NO SÉCULO XVIII.....	773
CAPÍTULO XVII OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO SÉCULO XVIII.....	777
CAPÍTULO XVIII A ÁSIA DO SÉCULO XV AO SÉCULO XVIII.....	783
CAPÍTULO XIX A ÁFRICA: A ETIÓPIA NO SÉCULO XVIII.....	791

## **SEXTA PARTE**

### **A ÉPOCA CONTEMPORÂNEA**

<b>A. O MUNDO DO SÉCULO XIX – AS GRANDES EVOLUÇÕES.....</b>	<b>795</b>
CAPÍTULO I A FRANÇA NO SÉCULO XIX.....	799
CAPÍTULO II A INGLATERRA NO SÉCULO XIX.....	873
CAPÍTULO III A ALEMANHA NO SÉCULO XIX.....	885
CAPÍTULO IV A ESPANHA NO SÉCULO XIX.....	907
CAPÍTULO V A ITÁLIA NO SÉCULO XIX.....	913
CAPÍTULO VI A RÚSSIA E A ESCANDINÁVIA NO SÉCULO XIX.....	921
CAPÍTULO VII OS ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XIX (1787-1914).....	931
CAPÍTULO VIII A ÁSIA NO SÉCULO XIX.....	943
CAPÍTULO IX A ÁFRICA NO SÉCULO XIX.....	951
<b>B. O MUNDO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....</b>	<b>957</b>
CAPÍTULO X A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918).....	959
CAPÍTULO XI A FRANÇA NO PERÍODO ENTREGUERRAS (1919-1939).....	971
CAPÍTULO XII A ALEMANHA DE 1919 A 1945.....	979
CAPÍTULO XIII A INGLATERRA DE 1919 A 1945.....	989
CAPÍTULO XIV A ITÁLIA DE 1919 A 1945.....	993
CAPÍTULO XV A ESPANHA DE 1919 A 1945.....	1001
CAPÍTULO XVI A RÚSSIA E A URSS DE 1917 A 1945.....	1005
CAPÍTULO XVII OS ESTADOS UNIDOS DE 1919 A 1945.....	1015
CAPÍTULO XVIII A ÁSIA DE 1919 A 1945.....	1021
CAPÍTULO XIX A ARTE NA FRANÇA E NA EUROPA DO INÍCIO DO SÉCULO XX ATÉ 1945	1029
CAPÍTULO XX A LITERATURA NA FRANÇA DE 1914 A 1945.....	1049
CAPÍTULO XXI A FILOSOFIA NA FRANÇA E NA EUROPA ANTES DE 1945.....	1055
CAPÍTULO XXII A FILOSOFIA NA ÁSIA.....	1063

C. O MUNDO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX .....	1065
CAPÍTULO XXIII A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945) .....	1067
CAPÍTULO XXIV A FRANÇA DESDE 1945 .....	1081
CAPÍTULO XXV A ALEMANHA A PARTIR DE 1945.....	1105
CAPÍTULO XXVI O REINO UNIDO DO ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL AO NOVO LIBERALISMO .....	1109
CAPÍTULO XXVII A ITÁLIA DA DEMOCRACIA CRISTÃ AO POPULISMO .....	1115
CAPÍTULO XXVIII A ESPANHA A PARTIR DE 1945 .....	1119
CAPÍTULO XXIX A URSS A PARTIR DE 1945 .....	1123
CAPÍTULO XXX OS ESTADOS UNIDOS A PARTIR DE 1945.....	1131
CAPÍTULO XXXI A ÁSIA A PARTIR DE 1945 .....	1139
CAPÍTULO XXXII A ARTE A PARTIR DE 1945.....	1145
CAPÍTULO XXXIII A LITERATURA CONTEMPORÂNEA.....	1161
CAPÍTULO XXXIV AS CIÊNCIAS HUMANAS .....	1181
EM DIREÇÃO AO SÉCULO XXI... ..	1209
ÍNDICE DE NOMES .....	1217
ÍNDICE DE OBRAS .....	1275
ÍNDICE DE LUGARES .....	1317
SOBRE OS AUTORES .....	1335

## INTRODUÇÃO: **SAPERE AUDE, “OUSAR SABER”<sup>1</sup>**

Sem negligenciar o que a cultura pode contribuir em relação aos conhecimentos, divertimentos, mas também em relação à conscientização moral e política, ela é antes de tudo essa tensão do ser. Esse sentimento de se deixar levar para além de si mesmo, de ter acesso a tesouros e incorporá-los, por uma alquimia pessoal, à nossa memória viva [...], essa humanização por meio do fervor que se trata de colocá-la à disposição de todos<sup>2</sup>.

Em um momento em que a Europa<sup>3</sup>, desejosa de compreender os mecanismos de sua evolução, de sua identidade, de sua cultura, de seu lugar no seio do mundo, tenta encontrar respostas para crescer em um espírito de paz, de integração e de aculturação, cabe lembrar como é difícil oferecer uma só definição para além dos simples conceitos históricos, econômicos e políticos. O homem, sua história e sua cultura não se reduzem exclusivamente às realidades matemáticas, estatísticas, a números ou ao enunciado de alguns decretos. Um som não se reduz a uma vibração, uma emoção não é apenas alguns hidratos de carbono. Seduzidos pelo progresso das ciências, impulsionados por nossa vontade de dominar a natureza e a matéria, a cultura e a cultura geral ainda têm um pequeno lugar quando as novas tecnologias e o grande público, por questões de identidade, recorrem a um passado comum, ou até mesmo a um patrimônio.

---

1. Locução latina de Horácio, Epístolas, I, 2, 40, retomada por Immanuel Kant, que exprimiu de maneira exemplar todo o rigor da palavra de ordem das Luzes: *sapere aude*, “tenha a coragem de fazer uso de seu próprio entendimento”.

2. Jacques Rigaud, *La Culture pour vivre* [A cultura para viver], Paris, Gallimard, 1975, p. 27.

3. Retomamos, a esse respeito, que, segundo a Ilíada (XIV, 321-323), Europa é a filha de Fênix e a mãe de Minos, Radamanto e Sarpedonte, cujo pai é Zeus. Este último, transformado em touro branco, rapta Europa e a carrega nas costas, da Fenícia até Creta, atravessando o mar.



A cultura se tornou plural por meio do jogo de redes sociais, e a cultura geral bem singular em um mundo em que o afeto e o imaginário conduzem a dança. Da cultura geral, passamos à incultura para todos. Serge Chaumier denuncia os paradoxos do que **de Gaulle**, em *O Fio da espada (Le Fil de l'épée)*, chamava de “a rainha das ciências”:

Como a cultura pode estar em todos os níveis e ao mesmo tempo as desigualdades podem se manter reais e persistentes? Como compreender que, ao mesmo tempo, se deplorem as desigualdades persistentes em cada publicação de uma nova pesquisa sobre as práticas culturais dos franceses e haja, com razão, satisfação com o fato de que as instituições culturais estejam presentes em todo o território, inclusive nas zonas rurais, ou que se discuta com os sociólogos sobre uma relação com a cultura descontraída e partilhada, na qual o executivo goste de karaokê e a empregada doméstica baixe um *podcast* com os últimos sucessos da moda<sup>4</sup>?

## UM PAR DE BOTAS VALE MAIS QUE SHAKESPEARE

Ou se atribui a ela tudo e mais alguma coisa, e qualquer coisa faz parte da cultura geral, ou se tende a relegá-la ao esquecimento, porque não se sabe mais muito bem o que lhe atribuir. A cultura e, por conseguinte, a cultura geral se tornaram terra de ninguém, deixadas em suspenso diante do que demandam enquanto trabalho, concentração, abnegação, e tudo é posto em prática com afinco para fazer delas um lazer como outro qualquer, resultante da espontaneidade, do imediatismo, adquirido sem esforço, algo que permanece leve como o ar que se respira. Tudo pertence ao cultural e ganha um lugar em uma sociedade na qual é preciso se manter jovem, magro e morrer bronzeado.

A cultura geral se tornou, de fato, um grande balaio de gatos em que programas de perguntas, *Trivial Pursuit* (jogo de tabuleiro) e cultura empresarial reivindicam seu espaço. Tudo é padronizado, num mesmo nível; todas as obras, todos os meios de expressão são colocados em pé de igualdade e se chega a uma espécie de “café cultural”<sup>5</sup>, denunciado por **Claude Lévi-Strauss** em *Olhar, escutar, ler (Regarder, écouter, lire)*<sup>6</sup>, e retomado por **Alain-J. Trouvé**:

---

4. Serge Chaumier, *L'Inculture pour tous*. La nouvelle utopie des politiques culturelles [A incultura para todos. A nova utopia das políticas culturais], Paris, L'Harmattan, “Des hauts et débats”, 2010, p. 13.

5. Segundo a expressão de Claude Javeau em “La controverse sur l'élitisme dans la culture occidentale contemporaine” [A controvérsia sobre o elitismo da cultura ocidental contemporânea], em Simon Langlois, Yves Martin (org.), *L'Horizon de la culture. Hommage à Fernand Dumont* [O horizonte da cultura. Homenagem a Fernand Dumont], Sainte-Foy, Presses de l'université de Laval, 1995.

6. Claude Lévi-Strauss, *Regarder, écouter, lire* [Olhar, escutar, ler], Paris, Plon, 1993.

É possível se divertir ou se irritar, na mesma ordem de fatores, ao ver considerados como elementos de cultura geral saberes tão díspares quanto a altura de Luís XIV, as rimas de uma canção de Johnny Hallyday ou a identidade do vencedor da medalha de ouro em boxe, categoria meio-mosca, quando dos jogos Olímpicos em Sidney. Não inventamos esses exemplos, extraídos aleatoriamente em um desses estranhos “cadernos de cultura geral”, cujo sucesso não parecer, para aqueles que os adquirem, o resultado de um apetite de cultura, mas antes uma necessidade ansiosa de medir ou aumentar seu suposto nível, sobre um fundo de emulação competitiva<sup>7</sup>.

Entretanto, se a cultura geral parece, como no bom senso de Descartes no *Discurso do método* (*Discours de la méthode*), “a coisa mais bem partilhada do mundo”, ela não ocupa mais o lugar de destaque que ocupava até então no seio de nossa sociedade, como fundamento e fundação de nosso patrimônio.

Todos reivindicam o direito a sua herança, mas apontam o dedo para aqueles que acreditam serem os herdeiros (segundo o termo de Bourdieu), assim como nos conflitos para iniciados, os letrados falam entre letrados, aos olhos dos declinólogos<sup>8</sup> mais radicais. Então foi preciso encontrar argumentos “pré-fabricados” para constituir seu caso e julgá-la por feitiçaria, fazer crer que a França progredirá com estudantes formados, funcionários públicos, administradores sem cultura. Tratados como elitistas, taxados de discriminação social, voltamos às reivindicações da “razão instrumental”, forjada pela Escola de Frankfurt<sup>9</sup> nos anos 1960. Ela era qualificada de inútil, sectária, estéril, instrumento privilegiado, meio de seleção social. Bourdieu insistiu no fato de que são sempre os mesmos herdeiros<sup>10</sup> que recebem os cargos-chave, reservando-os assim a uma única categoria social. A matemática e as ciências foram então glorificadas, porque seriam “neutras”. Pierre Bourdieu denuncia ainda esses fatos nos anos 1960<sup>11</sup>, e sua solução será a de privilegiar as ciências em detrimento das humanidades clássicas, mantidas durante muito tempo como apanágio da burguesia. Mas hoje a questão é outra. As novas vias de

---

7. Alain-J. Trouvé, “Défense et illustration de la culture générale” [Defesa e ilustração da cultura geral], em *Atala*, n. 14, Avant-propos [Preâmbulo], 2011.

8. De acordo com “O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência”, de Paulo Arantes, declinólogos são “Colonistas especializados em demonstrar que a França continuará ‘caindo’ enquanto providências drásticas não forem tomadas” [N.T.].

9. “Escola de Frankfurt”: nome dado a intelectuais alemães que analisam a sociedade a partir de uma perspectiva neomarxista.

10. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, *Les Héritiers. Les étudiants et la culture* [Os Herdeiros. Os estudantes e a cultura], Paris, Minuit, 1964.

11. Idem.

excelência – das especialidades científicas e econômicas ao diploma de conclusão do ensino médio francês – não são mais o privilégio das elites burguesas, pelo menos não mais do que a cultura geral. O sistema educacional faz o que pode para que cada um possa se tornar o que deseja. Esquecem-se frequentemente de mencionar os esforços políticos dos grandes liceus para integrar alunos desfavorecidos financeiramente, a fim de proporcionar-lhes acesso às classes preparatórias<sup>12</sup> abertas tanto em Nanterre quanto em Sarcelles.

Afogada pela democracia e em uma lógica igualitária levada ao limite do absurdo, um utilitarismo a toda prova – “para que serve a cultura?” – uma cultura de massa, cultura reduzida a uma pele de onagro, a cultura geral ficou reduzida, por falta de oferta de uma visão simples do que sempre foi, a se tornar o terreno fértil de implicações igualitaristas assim como utilitaristas. Além disso, ela sofre com as tendências do nosso século de uma crença cega no mundo que as ciências nos revelam. Assim, a cultura geral não tem, como aquelas, a pretensão de dizer a verdade, a exatidão. Ela é então considerada como um luxo frívolo, dando a impressão de dever sempre correr atrás, como no paradoxo da flecha de Zenão de Eleia, que parece nunca poder ser alcançada. A ciência, as ciências reconfortam, porque oferecem o sentimento de poder dar acesso a uma exatidão, ou mesmo, às vezes, a uma verdade por meio de repostas rápidas.

## A VIA DA FACILIDADE, UMA VIA RÁPIDA

Essa é a imagem disseminada na opinião pública, ainda que nos fatos não seja sempre o caso. Ao contrário, a cultura geral requer tempo, muito tempo, e nossa época não dispõe mais dele – ela quer certificações, atestados exatos e em tempo recorde. Criam-se certificados, multiplicam-se logos, imagens, expressões, modos de vida. Tudo se auto-proclama, se autojustifica ao infinito ou em forma de Oroboros, a serpente que morde a própria cauda. Ora, longe desse sobrevoos conformista – sempre mais rápido, sempre mais forte – mas também longe dos salões mundanos e dos preciosos ridículos, a cultura geral ao longo dos anos forjou para si um lugar intermediário. Ela revela, um pouco como na biblioteca de **Jorge Luis Borges**, que cada desvio, cada cruzamento vai dar em outros desvios, em outros cruzamentos, levando a outras intersecções, quando se pensava ter chegado ao final do caminho. Disso resulta um pensamento que desvia, revelando a complexidade daquilo que nos rodeia e convidando-nos a investir. É mais rápido ver num círculo apenas o símbolo de uma figura geométrica, mas menos satisfatório do que poder ir além da simples evidência e se tornar capaz de nele reconhecer na Índia a representação

---

12. “Classes préparatoires” são oferecidas nos liceus franceses, o equivalente ao ensino médio, mas são consideradas como parte do ensino superior. Visam preparar alunos para o ensino superior ou para as “grandes escolas”, tais como a Escola Politécnica [N.T.].

do ciclo do **karma**, na China o complemento dinâmico, na Mônada hieroglífica (1584) de **John Dee** o paradoxo do círculo, no *thateron* platônico o intermediário necessário entre o mesmo e o outro, ou a materialização das circunvalações nos templos, ao redor de uma estupa, nas catedrais, e “o que sei” mais, como diria Montaigne.

Seguir a opinião comum requer menos esforço e conhecimento, mas acaba nos fazendo ver o mundo através de uma claraboia. A cultura geral sempre teve essa vontade de abertura para o exterior, os outros e si mesmo. Ela recusa o isolamento, a fixidez e privilegia a retomada, o questionamento, mesmo que nossa época acredite valorizar aqueles que amam as respostas prontas, os conteúdos sem forma, o pré-fabricado na construção do indivíduo, em que o parecer há tempos tirou a coroa do ser. Ela constitui a melhor muralha contra as ideologias totalitaristas, amigas das ideias únicas e simplificadoras tidas por um sucedâneo da cultura geral para aqueles que são desprovidos dela. Os totalitarismos quebram o pensamento, barram seu ímpeto, recusam aceitar as diferenças dos outros e, nesse sentido, castram a identidade dessas riquezas. São “misologias”, no sentido em que Kant as entendia, um artifício da razão contra o entendimento, um discurso contra a razão. A incultura se torna seu fundo de comércio, elas a mantêm, cuidam, porque assim nunca serão questionadas. Então, como compreender essa recusa? Sem dúvida, ela tem o mesmo efeito que o *sfumato* na arte: muita luz ressalta a sombra; muito julgamento, a mediocridade. Sua morte é constantemente anunciada, e com ela a morte da cultura francesa<sup>13</sup>, tornada *cadavre exquis*<sup>14</sup>, arrastando no seu caminho o desaparecimento do cultural. Antes de tentar compreender as implicações do desaparecimento de toda uma parte da fachada cultural e da cultura geral em si, voltemo-nos primeiramente para a definição dos termos “cultura” e “cultura geral”, já que são frequentemente confundidos.

## **DA CULTURA DOS POVOS À CULTURA DO CULTO: OS TRÊS SENTIDOS DA PALAVRA CULTURA**

Poderíamos dizer da cultura o que Valéry dizia da liberdade: “É uma dessas palavras detestáveis que têm mais valor do que sentido, que cantam mais do que falam”<sup>15</sup>.

---

13. Ver principalmente Donald Morrison, “The Death of French Culture” [A morte da cultura francesa], *Time Magazine*, 21 de novembro de 2007, assim como *Que reste-t-il de la culture française?* [O que sobrou da cultura francesa?], seguido de Antoine Compagnon, *Le Souci de la grandeur* [A preocupação com a grandeza], Paris, Denoël, 2008.

14. Jogo surrealista que consistia na produção de uma narrativa rápida em que cada participante escreve uma frase dobrando o papel sobre a frase escrita para que o próximo participante não saiba o que foi escrito anteriormente [N.T.].

15. Paul Valéry, *Regards sur le monde actuel* [Olhares sobre o mundo atual], Paris, Gallimard, “Folio essais”, 1988.

## O SENTIDO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA

Do latim *cultura*, o termo “cultura” surge no século XIII. Nessa época, designa a ação de cultivar a terra, mas também cultuar um deus. Há então, desde o início, a ideia de explorar o que está em repouso na terra, dali retirar o que é útil para o homem. No século XVI, o termo “cultivado” aparece e se aplica às terras que foram trabalhadas. A palavra “cultura” começa a ser empregada em um sentido figurado e se vê aplicada a outros campos, tendência que se desenvolve sob a pena dos filósofos das Luzes. Passa-se do sentido de “cultivar a terra” ao de “cultivar a mente”. Condorcet menciona a cultura da mente, Turgot a das artes, Rousseau a das ciências, d’Alembert a das letras. Disso resulta a vontade de submeter à razão todas as disciplinas intelectuais. Os filósofos das Luzes quiseram insistir na potência da educação de transformar o indivíduo em “animal racional”. Mas o emprego do termo “cultura” no sentido figurado permanece limitado: a “cultura” pede sempre, nesse período, um complemento nominal, seja para as artes, as letras, as ciências ou o progresso intelectual de um indivíduo. Mas, se seu sentido é restrito, é também porque o século XVIII sistematiza valores, comportamentos, referências que caracterizaram o Renascimento pelo seu desejo de retorno ao concreto. A observação dos fatos e a noção de experimentação tão forte na filosofia inglesa do início do século XVIII tiveram como consequência um interesse ainda maior por parte dos pensadores pelo método, mais do que pelos resultados em si. Além disso, o método de trabalho emerge, fonte de dignidade do homem em Locke, fonte de riqueza das nações em Adam Smith. Esse novo valor se impõe como um dos elementos indispensáveis para a felicidade. É, portanto, normal que a ação de cultivar tenha sido mais privilegiada do que seus resultados nessa época. O homem começa a afirmar sua presença no mundo e pode justificá-la por suas ações. Porém, o maior passo dado pelos homens das Luzes não foi apenas “abrir os outros à razão”<sup>16</sup>, mas “abrir a si mesmo para a razão dos outros”<sup>17</sup>. Em seu sentido mais antigo, “*cultus*”, a arte de honrar os deuses, passamos à arte de honrar a si mesmo pelos frutos da ação. A educação será o traço de união entre um e outro. O homem, com seus conhecimentos, torna-se mestre e possuidor de si mesmo como foi da natureza. A descoberta de outros sistemas, modos de vida, pensamentos, lhe oferece um novo sentido que o torna próximo do de civilização. Enfim, o desenvolvimento modesto do sentido figurado de cultura no século XVIII tem também a ver com o sucesso que vai encontrar, desde seu nascimento, o termo civilização. A edição de 1771 do *Dictionnaire de Trévoux* (“Dicionário de Trévoux”) registra, pela primeira vez, o neologismo surgido no *Amigo dos homens* (*L’Ami des hommes*) (1756) do Marquês de

---

16. Alain Finkielkraut, *La Défaite de la pensée* [A derrota do pensamento], Paris, Gallimard, “Folio essais”, 1989, p. 81.

17. *Ibid.*

Mirabeau, pai, e o define assim: “Civilização, termo de jurisprudência. É um ato de justiça, um julgamento que torna civil um processo criminal. A civilização se faz ao se converterem as informações em inquérito ou de outro modo”. Desde então, a evolução do sentido conduz àquele proposto pela Unesco em 1982: “O conjunto de traços distintivos, espirituais, materiais, intelectuais, afetivos que caracterizam uma sociedade, um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valor, as tradições, as crenças”.

## O SENTIDO ONTOLÓGICO DE CULTURA

Se o primeiro sentido da palavra “cultura” é antropológico, o segundo sentido tem relação com o ser, a natureza humana, sua ontologia. Ela é atividade com relação à natureza, o ser se distancia dela para se diferenciar, ele é atividade do pensamento, luta contra sua própria natureza. É sua forma humana de estar no mundo, de fazer e de desfazê-lo, sua aptidão excepcional e universal para constituir seu patrimônio outorgando a si aquilo que a natureza lhe recusa. O homem projeta símbolos, representações sobre o mundo que cria e se libera de seu instinto pela razão. A Antiguidade fará dele um herói e um mito, Prometeu, “o providente”, mais sábio que os próprios deuses; a filosofia do pós-guerra fará dele um homem existencial, livre ou canalha segundo sua vontade, é sua grandeza no sentido pascaliano, resultado de seu próprio combate com a natureza. Diferentemente da erudição, que se resume em uma acumulação de saberes, a cultura, nesse sentido, precisa do esforço de compreender, de julgar, de apreender os elos entre as coisas. Se a mente não faz esse percurso, ele vegeta, precisa ser constantemente ativo e reativado. Jamais representamos o que nos rodeia como um transcritor fiel; nós participamos também por meio das palavras, da construção que com elas fazemos, dos símbolos que se criam. Não nos esqueçamos do pintor Marcel Duchamp: “Aquele que olha faz o quadro”. A criação de uma cultura passa pela afirmação de valores, de crenças, de paixões indispensáveis ao estabelecimento de regras, de finalidades, de normas. A imagem unificada construída pelo homem se esvanece ao longo de suas próprias interrogações filosóficas em uma poeira de doutrinas e de respostas contraditórias. O homem teve que se descobrir para se inventar, para ter acesso ao humano; ele teve que aprender a se expressar por meio de sistemas, de procedimentos, de técnicas. Autor do mundo como de si mesmo, sua cultura foi sua forma de ser ao mesmo tempo do mundo e para o mundo e, se ele buscou frente a frente com a natureza e o cosmos deixar sua marca, é para se “conhecer na forma das coisas, mudar o mundo exterior e compor um mundo novo, um mundo humano”<sup>18</sup>.

---

18. 1. G.W.F. Hegel, *L'Esthétique* [Estética], trad. Flammarion em Georges Bataille, *L'Érotisme* [O erotismo], Paris, Éditions 10/18, 1965, p. 237.

## O SENTIDO HUMANISTA DE CULTURA

O **terceiro sentido** atribuído à cultura é um sentido humanista: ele remete à cultura de si, que os alemães chamam de *Bildung* (que significa “construção”), e que tira seu sentido das humanidades do Renascimento. As mudanças nascidas de obras individuais ou coletivas tiveram como consequências seja veicular ideias criadoras de uma cultura para outra, levando a sínteses lineares, seja criar cortes irremediáveis com sua herança. Sua mistura cria a identidade das culturas que levam à sua integração ou a uma espécie de justaposição grosseira de seus elementos ou ainda à sua rejeição definitiva. Mas a cultura precisa de alteridade para desabrochar, ela não pode ser isolada como a República dos eruditos na ilha de Lilipute no *Gulliver* de Swift. Longe de flutuar a léguas da superfície do solo, essa cultura do culto é o que liga o humano ao humano ou, pelo menos, permite aceder a esse conceito. O homem culto soube tirar da natureza aquilo que estimou ser bom para ele e saberá transmiti-lo ao outro. Mas é, antes de mais nada, uma mente capaz de julgar as coisas em seu conjunto, e disso tirar uma distância crítica, diferentemente do especialista, que só pode fazer isso sobre um objeto restrito em um campo bem preciso. Um homem culto é, portanto, um homem que tem um saber, mas que também sabe como aumentá-lo. A cultura geral se dirige, assim, àqueles que se lançam nessa iniciativa oferecendo-lhes conhecimentos que será preciso selecionar com discernimento e com juízo para compreender o que os conecta. É por isso também que se diz que o politécnico sabe tudo e mais nada.

A história da cultura geral como cultura do iniciante tem uma longa história. Deve-se buscar sua origem na Grécia, que designou, desde o século VI a.C., um ideal educativo: o de educar o homem para a razão como modelo universal que lhe permite aceder à humanidade, a sua humanidade. À luz da razão, a questão da justiça, da felicidade, do viver em comum, da educação será abordada, relegando ao mais longe possível o peso da tradição e da força de persuasão dos mitos. Aqueles que Hegel qualifica de “mestres da Grécia”, os primeiros sofistas, utilizam o poder das palavras, a força de persuasão da linguagem sob todas as formas, retórica, linguística, sintática. **Hípias de Elis** fez as vezes de líder, extraindo de seus conhecimentos algo para adquirir glória e dinheiro, enquanto que os estados gerais da sofística eram formados por **Protágoras**, **Proclo** e seus adeptos. O cúmulo da arte era conseguir gerenciar seus adversários por meio de sutilezas e de falsos raciocínios. Longe de reunir os homens, de aproximá-los, a sofística se impõe como uma cultura do enfrentamento. Sócrates e Platão vingarão a razão perseguindo incansavelmente a verdade. O rétor Isócrates (436 a.C.-338 a.C.) está “entre os primeiros a traçar seu programa de conjunto no qual se encontram as preocupações morais, sociais, intelectuais”<sup>19</sup> e se deve ver na

---

19. Alain-J. Trouvé, “Défense et illustration de la culture générale” [Defesa e ilustração da cultura geral], em *Atala*, n. 14, Avant-propos [Preâmbulo], 2011.

paideia isocrática uma certa noção de humanidade. **Isócrates** pretende formar o homem inteiro pela cultura da eloquência, cuja prática previa uma cultura intelectual quase completa. Aprender a falar bem era também aprender a pensar e a viver bem. Sua influência sobre a educação seria maior do que a de Platão e, como nota o grande historiador **Moses I. Finley**, “depois dele, a retórica ganhou um lugar de honra nos estudos superiores, em um sistema que logo recebeu sua forma canônica com aquilo que os romanos chamam de ‘as sete artes liberais’. Depois, esse modelo canônico passou dos gregos aos bizantinos e dos romanos ao ocidente latino”<sup>20</sup>.

A Europa não pode mais ser limitada culturalmente e identitariamente a sua grande herança antiga, ainda que estejamos em dívida com os gregos por terem inventado a cidade, o questionamento, o teatro; e com os romanos pelo Estado e as instituições, a lei, as bases de nossa cidadania, o latim que foi a língua europeia durante vários séculos. Se os comparamos aos persas ou aos bárbaros, os gregos terão sabido se desatrelar do déspota ou do tirano. As leis de **Sólón**, as de **Péricles**, que abrem a participação na vida da cidade aos cidadãos que delas estavam excluídos, garantem os fundamentos da democracia. E aquilo que os gregos souberam conceder a suas cidades-Estados, Roma o faz pelo seu Império com o Édito de Caracala, de 212, que concede a cidadania a todos os homens livres. É, então, graças aos romanos que nós conheceremos o direito, a retórica, as noções de *humanitas* e de *virtus*, mas também a valorização do cuidado de si, da experiência pessoal da qual emergirá a noção de pessoa, de sujeito. Florence Dupont questiona a noção de identidade nacional romana em seu livro *Rome, la ville sans origine* (“Roma, a cidade sem origem”), pois, escreve ela, “ser cidadão romano era ser como Eneias, necessariamente vindo de outro lugar”, lembrando que os pesquisadores europeus “se projetam nos Antigos, que assim modernizados lhe servem de origem” e conclui: “Nós talvez não precisemos de identidade nacional”<sup>21</sup>. A noção de *origo*, essa ficção jurídica que ela retoma, “postula um início absoluto cada vez que a *civitas* é conferida”<sup>22</sup> e permitiria, assim, recusar a ideia de um “tempo longo que permite a Braudel fazer da identidade de um povo a finalidade absoluta de sua história”<sup>23</sup>. Durante muito tempo, a herança do mundo judaico, árabe, andaluz foi deixada no escuro em benefício da dos romanos. No entanto, **Jerusalém**, lugar simbólico da herança bíblica, trouxe-nos as leis morais, mesmo que a lei cristã se imponha durante séculos como norma comum. Com **Orígenes** de Alexandria (185-c. 253), teólogo, um dos Pais da Igreja, assim como o diz **Jean Sirinelli**, “não se pode falar em empréstimos,

---

20. M.I. Finley, “L’héritage d’Isocrate” [A herança de Isócrates], em *Mythe, mémoire, histoire* [Mito, memória, história], Paris, Flammarion, 1981, p. 175-208.

21. Florence Dupont, *Rome, la ville sans origine* [Roma, a cidade sem origem], Paris, Le Promeneur, 2011, p. 10.

22. *Ibid.*, p. 174.

23. *Ibid.*, p. 175.



é realmente uma síntese ou um sincretismo que se produz entre as exigências da reflexão cristã e os sistemas filosóficos ambientes”<sup>24</sup>.

Na metade do século V, o Império Romano do Ocidente rui, e a paisagem política, cultural, intelectual é perturbada pelas mudanças que se produzem. Com o império de Carlos Magno, uma nova unidade cultural se forma – o latim, o cristianismo, a autoridade dos dois sabres, o espiritual e o temporal dominam a Idade Média inteira. A cultura e a educação se colocam ao serviço da fé e da Igreja. O homem, tornado centro do mundo, busca seu lugar entre um mundo invisível no qual preside um Deus todo-poderoso e um mundo visível que ele descobre aos poucos e cujas fronteiras geográficas expande progressivamente. O cristianismo não se limita a veicular a cultura antiga, dando origem a novos valores e abrindo o caminho do paraíso a todos aqueles que têm a fé, sem distinção de classes sociais ou de etnias. Além disso, ele se enriquece com influências diversas. Assim, devemos ao mundo árabe sua arte, a redescoberta das ciências, dos textos gregos, da matemática, o desenvolvimento da alquimia. Uma língua comum, um direito comum, o direito romano se impõem até o século XVI, quando emerge a ideia de direito nacional, um mesmo Deus, que são as bases sobre as quais se desenvolve a Europa Medieval. A arte carolíngia extrai sua originalidade das influências bizantinas, bárbaras, moçárabes. Carlos Magno se rodeia, em sua corte, não somente com os melhores representantes da hierarquia eclesiástica, mas também de missionários anglo-saxões, irlandeses, detentores da cultura grega e dos textos sagrados. Assim, Alcuíno, da escola de York, Teodolfo, o Visigodo, e Angilberto, o Germano, construíram o centro de uma sociedade cosmopolita. As miniaturas moçárabes, que decoram e ilustram os livros, constituem, entre os séculos IX e X, uma das manifestações mais originais da arte espanhola desse período cujos temas e tipos iconográficos são uma fonte de inspiração para os pintores romanos que os retomam.

**O período medieval**, longe de ter sido um período de unidade religiosa, é aquele que testemunha a separação do Império em dois, Império do Ocidente e Império do Oriente, em 395, dando nascimento a duas Europas greco-romanas, bem diferentes em sua arte e em seu pensamento. A dificuldade, como anunciada por **Edgar Morin** em seu prólogo a *Pensar a Europa (Penser l'Europe)*, “é pensar o um no múltiplo, o múltiplo no um”<sup>25</sup>. A cultura nunca restringiu a uma era geográfica as trocas que a modelam. Assim, **Marc Ferro**<sup>26</sup>, em uma entrevista, relata que, no tempo do Império Romano, um viajante poderia ir de Lyon a Damasco sem sair de casa, ou ainda ir a Constantino ou Bizâncio. Mas, se atravessasse o Danúbio, não o faria sem atravessar antes o Reno.

24. Jean Sirinelli, *Les Enfants d'Alexandre. La littérature et la pensée grecques, 334 av. J-C. – 529 apr. J-C.* [Os filhos de Alexandre. A literatura e o pensamento gregos, 334 a.C.-529 d.C.], Paris, Fayard, 1993, p. 27.

25. Edgar Morin, *Penser l'Europe* [Pensar a Europa], Paris, Gallimard, “Folio actuel”, 1990, p. 22.

26. Durante as Journées de l'Europe [Jornadas da Europa] de 9 de maio de 2005.

No século XIX, ele teria podido, mas dessa vez sem retornar a Bizâncio, Constantino ou Ravena. Assim, se queremos falar de uma identidade cultural europeia, convém constatar que ela se formou quando de suas múltiplas metamorfoses e por meio delas, muito além de seus limites geográficos fixos.

O Renascimento concede privilégios às humanidades. Budé, Rabelais, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Pico della Mirandola elaboram, por meio da estética, a moral, as letras, um mundo de perfeição do qual o homem é o produto. Uma cultura da mente e da troca plena de diversidade se instala, fundada no ensino dos conhecimentos e dos novos saberes. É essa mesma cultura, oriunda da memória, da experiência do humano, do legado dos pensadores, dos artistas, das letras gregas e romanas, que chegou até nós desde o século XVI. Temos a obrigação de preservá-la. E é também porque o século XVIII – o de Montesquieu, Helvétius e Voltaire, o dos dicionários, mas também o de Newton e de Locke – desejará triunfar sobre a ignorância, propagando sua fé na razão em todas as esferas da atividade humana, que essa herança inestimável ainda é nossa. Numa Europa tornada cosmopolita, a noção de progresso permanece como tema dominante. Condorcet estabelecerá, já em 1793, que o progresso de fato faz parte da história, em *Esboço de um quadro histórico do progresso do espírito humano* (*Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*).

O Século das Luzes, a Revolução Francesa, o Império constituem novos períodos de trocas e de transmissão de ideias e de saberes por meio das grandes capitais: Amsterdã, Berlim, Londres, Paris, Viena. A dinâmica do século passa pela análise, pela filosofia. A noção de método, o desejo de se conformar às exigências da razão é seu *leitmotiv*. A afirmação da primazia do homem exige, por parte dos enciclopedistas, um combate feroz contra os preconceitos. O homem passa a ser concebido como parte integrante de um todo universal anunciando, assim, as teorias evolucionistas do século seguinte. O grande trabalho das Luzes foi o de restaurar o humanismo. Guiados pela razão, eles fundam o essencial de sua moral sobre o homem. Tudo é atacado: a justiça, as ciências, a educação, o comércio, a indústria e, mais do que as instituições, o seu próprio princípio. Nenhuma geração foi tomada de filantropia e bem-fazer a esse ponto. Nenhuma sentiu mais vivamente as desigualdades sociais, a barbárie das leis antigas, o absurdo das guerras. Nenhuma outra projetou de forma mais sincera sonhos de paz perpétua e de felicidade universal. A *Declaração dos direitos do homem* constituiu um dos poderosos fatores de unidade nacional ao proclamar a igualdade dos direitos do homem e da nação. A própria ideia de nação surgiu. Seu ponto comum é o de outorgar ao ser humano uma dignidade, um valor, um reconhecimento que encontra sua aplicação na pessoa à qual outorgamos a liberdade, o livre-arbítrio e a justiça. Nenhum povo irá tão longe na definição de tais valores, preconizados como direitos que a sociedade deve se outorgar. A unidade do pensamento europeu será o resultado de sua aptidão para gerar as identidades culturais, religiosas, nacionais que

a formam sem excluí-las e sabendo tirar proveito de sua diversidade. A lição do século XVIII será a exigência da universalidade, do espírito de tolerância, do direito à felicidade, não mais uma salvação no além, mas um direito imediato à educação, à proteção do indivíduo e aos povos.

No **século XIX**, aparecem os primeiros efeitos do questionamento do universalismo e da razão da construção do sujeito, e os filósofos das Luzes descobrem seus detratores. A noção de sujeito é fortemente abalada por Marx, e todos os fenômenos passam a ser determinados pelo modo de produção dos meios de existência. Nietzsche revela que a razão não é nem a fonte nem a finalidade da história. Freud e Charcot, com seus trabalhos, dão o golpe fatal no sujeito com a descoberta do inconsciente. O sujeito não reina mais e não está mais sistematicamente em adequação consigo mesmo:

Assim, na gênese das ciências sociais, o freudismo inaugura um novo estágio, primeiro por suas descobertas e depois por seu método: as causalidades, as regularidades, as leis que pretendem estabelecer a sociologia positivista são questionadas pela dúvida dirigida aos discursos e, mais profundamente, à natureza do homem razoável tal como Descartes o definira. O eu não é mais o que era, ele se divide em um supereu e, pode-se dizer, em um “subeu”<sup>27</sup>.

Sob o efeito do romantismo alemão, principalmente de **Schlegel**, que considera que o universal abstrato é vazio e que só adquire conteúdo ao se particularizar, o homem é o resultado da união entre o universal e o particular. **Hölderlin** e **Novalis** compartilham com **Schiller** e **Herder** a ideia de uma Alemanha como *Kulturnation*, definida mais por suas produções individuais, artísticas, literárias, poéticas, culturais do que pela sua potência política ou seu Estado.

O **início do século XX**, ao mesmo tempo herdeiro e inovador, não para de promover suas próprias vanguardas. As fronteiras da Europa e do mundo explodiram, a mulher adquire papel crescente no seio da sociedade e o progresso técnico não cessa de aumentar. A **China** honra o materialismo histórico: em 1911 se produz a ruína da dinastia Manchu, no momento em que suas primeiras tentativas de modernidade passam pela mobilização conjunta das ideias ocidentais e dos pensamentos tradicionais. O **Japão**, desde a metade do século anterior, tornou-se fonte de inspiração para o Ocidente e contribui com uma busca da modernidade na arte apresentando planos sucessivos em suas obras. As duas guerras mundiais estremecem a

---

27. Jean-Marie Domenach, *Approches de la modernité* [Abordagens da modernidade], Paris, Ellipses, “Cours École poly-technique”, 1987, p. 107.

confiança na cultura e no homem. A elaboração de instrumentos de destruição em massa, a organização de campos de extermínio conduziram a um questionamento da razão, da cultura e da ciência como benfeitoras da humanidade. Desde Nietzsche até os anos 1960, a desconstrução está na ordem do dia, desconstrução na filosofia contemporânea do idealismo alemão, da filosofia da subjetividade, das ilusões metafísicas. A arte contemporânea destrói conscientemente a obra de arte e também faz da desconstrução seu próprio objetivo, abolindo a fronteira entre estética industrial e estética artística: uma cadeira, um cachimbo, um carro se tornam arte. A filosofia da desconstrução será principalmente representada por Jacques Derrida e Gilles Deleuze. Depois da morte de Deus anunciada por Nietzsche, vem a da modernidade (Gianni Vattimo), a da política (Pierre Birnbaum), a do social (Jean Baudrillard), a da cultura (Michel Henry), a do socialismo (Alain Touraine), a das ideologias (Raymond Aron), a da religião (Marcel Gauchet), a das grandes narrativas (Jean-François Lyotard).

A pós-modernidade exprime a crise de modernidade que atinge os países mais industrializados do planeta. O termo “pós-modernismo” foi primeiramente utilizado em arquitetura nos anos 1960-1970, depois sua noção se alastrou em todos os campos artísticos e filosóficos. Marcada pela crise da nacionalidade, a pós-modernidade representa também uma ruptura com as Luzes e uma ruína das grandes ideologias. O traço fundamental dessa segunda parte do século XX é a importância que as culturas estrangeiras terão na arte, na literatura e na música europeias. A estamperia japonesa, a escultura africana, a música folclórica não são apenas fontes de inspiração, mas permitem também criar uma distância entre cultura elitista e cultura identitária de cada um. Os conhecimentos dos povos colonizados revelarão riquezas que farão da cultura ocidental uma cultura coletiva entre outras. Durante muito tempo, a civilização por excelência, aquela que os outros eram convidados a imitar, era a da Europa ocidental, desde sua origem ligada à noção de progresso. Isso mudará em contato com o Extremo Oriente e a Índia, no século XIX, que fascinam por suas manifestações de arte e pensamento. A etnologia e a sociologia levam a considerar civilizações e não mais um modelo único. Assim, a Europa, ao longo de sua história, apresentou um universo de pequenas culturas tecidas a partir de critérios comuns, o que lhe deu seu aspecto de uniformização na diversidade, como um traje de Arlequim. Mas, possivelmente, um não europeu visse apenas o aspecto de uniformidade sem, no entanto, diferenciar a impressionante variedade das culturas nacionais e regionais que a fundam, sem distingui-las de seus contrários. A contribuição das civilizações estrangeiras para nossa cultura tornou menos claros os contornos e as bases que a definiam, relativizando as noções de norma, de valor, de saberes.

## DEFESA DE UMA CULTURA GERAL

A expressão pode render um debate: porque parece, *a priori*, paradoxal que uma cultura possa ser geral, pois, se o for, ela deixa de ser uma cultura e, se não o for, torna-se sem fundamento. A cultura geral teria, na verdade, vocação, desde sua origem, para ser estendida em especificidade profunda, sem para tanto ser particular. O conhecimento à la *Bouvard e Pécuchet*<sup>28</sup>, uma longa errância em um oceano de saberes, vasto amontoado de noções e conhecimentos maldigeridos, jamais levará os heróis de Flaubert à reflexão ou ao juízo verdadeiro por falta de método.

Nossa época é tomada por uma bulimia de saberes, ingeridos sem real discernimento entre o que é e o que não é importante. A recusa a hierarquizar as coisas, o fato de nivelar tudo por baixo – o gênio de Pascal e a cultura de massa. Democratizar a cultura é uma benfeitoria incontestada, mas popularizá-la significa matá-la. Deve-se a *Serge Chaumier* a evocação dessa bela defesa de Lamartine, dirigida ao deputado Chapuys-Montlaville, em 1843:

E onde está o alimento intelectual de toda essa multidão? Onde está esse pão moral e cotidiano das massas? Em nenhum lugar. Um catequismo ou canções, esse é seu regime. Alguns crimes sinistros, contados em versos atrozes, representados em traços horrorosos e afixados com um prego nas paredes da cabana ou da mansarda, eis sua biblioteca, sua arte, seu museu! E para os esclarecidos, alguns jornais exclusivamente políticos que chegam de tempos em tempos na oficina ou no cabaré da cidade, e que lhes trazem a repercussão de nossos debates parlamentares, alguns nomes de homens que devem ser odiados e algumas popularidades a serem destrinchadas como quando jogamos aos cães os restos, eis sua educação cívica! Que povo quereis que saia daí?<sup>29</sup>

A democratização da cultura levou à sua difusão, depois à sua exploração comercial sob todas as formas (programas de perguntas e respostas e questões de múltipla escolha em *videogames*), produzindo mais uma descerebralização do indivíduo do que sua formação. A cultura dilapidada pelo jogo comercial fez dela, no melhor dos casos, um kit de sobrevivência, salário mínimo intelectual. Mas, se a cultura geral sofreu com uma comercialização excessiva, sob as formas mais truncadas, deve também sua desconsideração ao fato de ter sofrido muitas imprecisões em suas definições. O *Dictionnaire de l'Académie française* (“Dicionário da Academia Francesa”), em 1932, a caracteriza como um “conjunto de conhecimentos gerais sobre a literatura, a história,

---

28. Título de obra póstuma de Gustave Flaubert (1821-1880), romancista francês mais conhecido por seu romance *Madame Bovary*. Trata-se de dois copistas decidem retomar todo o conhecimento já produzido pelo homem. No entanto, tentam aplicar, sem sucesso, tudo o que aprendem, produzindo uma alegoria do leitor incompetente e um questionamento da ideia de erudição [N.T.].

29. Serge Chaumier, *L'Inculture pour tous* [A incultura para todos], op.cit., p. 26.

a filosofia, as ciências e as artes que devem possuir ao final da adolescência, todos aqueles que formam a elite da nação”<sup>30</sup>. Seu nascimento oficial poderia ser situado no âmbito da reforma francesa de 1902, efetuada por Georges Leygues (1857-1933), que dá ao ensino secundário a forma que ele conservará até os anos 1950. O ensino secundário francês se adapta ao mundo moderno e uma fusão se opera entre os ensinamentos clássicos e modernos, destinados a tornar as humanidades científicas tão formadoras da mente quanto as humanidades literárias. A ideia era aprender a pensar por fragmentos, mas fazendo compreender que todo fragmento era justamente parte de um todo. A cultura geral estabelecia assim uma síntese entre os diferentes saberes. E a filosofia desempenhava nisso um papel determinante, o de saber pensar sobre a cultura. Hoje, quando evocamos a “cultura geral”, estamos distantes, para a maioria dentre nós, de ver aí uma referência a uma cultura assimilada ao poder dos sofistas, ou à de Montaigne, isolado em sua torre constatando “nosso jardim imperfeito”, ou à dos enciclopedistas, empilhando nossa ciência em dezenas de tomos. A ideia de melhoria de si predomina, a ideia de um instrumento que nos ensina a relativizar, um meio para a introspecção, um olhar aberto ao mundo, a ideia de ir sempre mais longe, de que seja possível encontrar a *paideia* grega, educação em nível cósmico, vontade que deve nos levar ao melhor de nós mesmos e nos dar o gosto pela excelência. Para os Antigos, os valores estavam fundados no ser. O homem de nossa época é frequentemente amnésico e faz bem lembrá-lo daquilo que fez sua grandeza e seu valor. Escolher uma obra aleatoriamente e proclamar sua inutilidade, porque em desuso em nossa sociedade – “um par de botas vale mais do que Shakespeare” – e porque inadaptada, não é prova de bom senso, mas de desonestidade intelectual. Da mesma forma, decretar a cultura geral pouco adaptada a certas circunstâncias tem a ver com o mesmo princípio, pois não constitui saberes reunidos, mas o meio de se dirigir nos próprios saberes, de não ficar passivo diante das coisas do nosso mundo.

Ainda que a definição da cultura geral tenha se tornado polissêmica<sup>31</sup>, um pouco como um albergue espanhol<sup>32</sup>, ainda que tenha sido fragilizada por ataques com argumentos ideológicos ou utilitaristas, lembremo-nos da frase de Primo Levi, no momento em que se questiona acerca das razões da sobrevivência depois de Auschwitz em *Os naufragados e os escapados*<sup>33</sup>: “Quanto a mim, a cultura me foi útil: nem sempre, às vezes, talvez por vias subterrâneas e imprevistas, mas me serviu e talvez me tenha salvado”.

30. *Dictionnaire de l'Académie Française* [Dicionário da Academia Francesa], 8ª edição, 1932-1935.

31. Ver o notável artigo de Michèle Rosellini, “La Culture générale, condition de survie?” [A cultura geral, condição de sobrevivência?], *Atala*, n. 14, 2011.

32. Filme francês de 2003 em que um estudante de economia francês divide um apartamento em Barcelona com pessoas de nacionalidades diferentes, numa espécie de Babel contemporânea [N.T.].

33. Primo Levi, *Les Naufragés et les rescapés. Quarante ans après Auschwitz* [Os naufragados e os escapados. Quarenta anos depois de Auschwitz], Paris, Gallimard, “Arcades”, 1989.



## O “PESO-PESADO” DA CULTURA GERAL

Literatura, história, filosofia, ciência e arte em um panorama completo da história do mundo.

*1 kg de cultura geral* apresenta o Big Bang, o helenismo, os etruscos, Confúcio, a arte merovíngia, o Império Otomano, a pintura flamenga, Maria Antonieta, Kant, o manifesto do surrealismo, Simone de Beauvoir e diversos outros assuntos organizados por períodos históricos: Pré-História, Antiguidade, Idade Média, Renascimento, Época Moderna e Época Contemporânea.

Aqui você vai encontrar:

- as principais culturas do mundo;
- a história da Terra até o presente;
- as principais atividades culturais de cada época;
- vários modos de leitura: por períodos históricos, por temas ou por países;
- e um índice remissivo em que é possível encontrar tudo!



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)



**Blucher**



Clique aqui e:

**Veja na loja**

# 1 kg de Cultura Geral

---

**Florence Braunstein**  
**Jean-François Pépin**

ISBN: 9788521209904

Páginas: 1336

Formato: 17 x 24 cm

Ano de Publicação: 2017

Peso: 1.755 kg

---